

ENSINO, DISCURSOS E RELAÇÕES SOCIAIS: O FAZER DA LINGUÍSTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Heloane Baia Nogueira
Rosivaldo Gomes
Suzana do Espírito Santo Barros
Organizadores

**Heloane Baia Nogueira
Rosivaldo Gomes
Suzana do Espírito Santo Barros
Organizadores**

**ENSINO, DISCURSOS E
RELAÇÕES SOCIAIS:
O FAZER DA LINGUÍSTICA
NA CONTEMPORANEIDADE**

**UNIFAP
Macapá-AP
2019**

Copyright © 2019, autores

Reitor: Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira
Vice-Reitora: Prof.^a Dr.^a Simone de Almeida Delphim Leal
Pró-Reitor de Administração: Msc. Seloniel Barroso dos Reis
Pró-Reitora de Planejamento: Msc. Luciana Santos Ayres da Silva
Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Cleidiane Facundes Monteiro Nascimento
Pró-Reitor de Ensino de Graduação: Prof.^a Dr.^a Elda Gomes Araújo
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof.^a Dr.^a Amanda Alves Fecury
Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: Prof. Dr. João Batista Gomes de Oliveira
Pró-Reitor de Cooperações e Relações Interinstitucionais: Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto

Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá

Antonio Sabino da Silva Neto

Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá

Fernando Castro Amoras

Conselho Editorial

Ana Paula Cinta, Artemis Socorro do Nascimento Rodrigues, César Augusto Mathias de Alencar, Claudia Maria do Socorro Cruz F. Chelala, Daize Fernanda Wagner Silva, Elinaldo da Conceição dos Santos, Elizabeth Machado Barbosa, Elza Caroline Alves Muller, Jacks de Mello Andrade Junior, Jose Walter Cárdenas Sotil, Luís Henrique Rambo, Marcus André de Souza Cardoso da Silva, Patricia Helena Turola Takamatsu, Patrícia Rocha Chaves, Robson Antônio Tavares Costa, Rosilene de Oliveira Furtado, Simone de Almeida Delphim Leal, Simone Dias Ferreira e Tiago Luedy Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N778 e

Ensino, discursos e relações sociais: o fazer da linguística na contemporaneidade / Heloane Baia Nogueira, Rosivaldo Gomes e Suzana do Espírito Santo Barros (organizadores) – Macapá: UNIFAP, 2019.

Il.: 206 p.

ISBN: 978-85-5476-058-8

1. Ensino. 2. Linguística. 3. Livro didático. I. Rosivaldo Gomes. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 407

Capa: Rosivaldo Gomes

Diagramação: Fernando Castro Amoras



Editora da Universidade Federal do Amapá
www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br
Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n, Universidade,
Campus Marco Zero do Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419



Editora afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias

***ENSINO, DISCURSOS E RELAÇÕES SOCIAIS:
O FAZER DA LINGUÍSTICA NA CONTEMPORANEIDADE***

AUTORES

Leonardo Jovelino Almeida de Lima
Luane dos Santos Coelho
Sarlene do Rosário Pereira
Luciana Nunes Ferreira Chagas
Joyce Vitória Martins Cruz
Suzana do Espírito Santo Barros
Paulo Herculano Ribeiro Santos
Maria Lourdes Sanches Vulcão
Kátia de Nazaré Santos Fonsêca
Marcos Vinicius de Freitas Reis
Norma-Iracema de Barros Ferreira
Ivan Coelho Teixeira
Marília Navegante Pinheiro
Eline Samra de Souza Santos
Ioleni Ribeiro de Moraes
Ruany Maira da Silva Silva
Nilva Oliveira dos Santos
Ingrid Lara de Araújo Utzig
Rodrigo Almeida Ferreira
Yurgel Pantoja Caldas
Marcus Vinícius Ribeiro Puresa
Rosivaldo Gomes
Daniel de Almeida Brandão
Heloane Baia Nogueira
Eloiny Lazamé

É assim que chegamos à formulação do que tenho chamado de uma LA INdisciplinar e outros de antidisciplinar ou transgressiva (Pennycook, 2006) ou de uma LA da desaprendizagem (Fabrício, 2006). É uma LA que deseja, sobretudo, falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir. Como Ciência Social, conforme muitos formulam a LA agora, em um mundo em que a linguagem passou a ser um elemento crucial, tendo em vista a hiperssemiotização que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos [...] (MOITA-LOPES, 2009, p. 19).

Apresentação

A Linguística Aplicada contemporânea tem transgredido suas fronteiras e dialogado com outras áreas, objetivando a criação de discussões pertinentes para o campo e também contribuído com e para o estudo de questões socioculturais, de linguagem/discurso e de ensino. Além disso, as pesquisas feitas nessa área têm adotado metodologias de caráter qualitativo-interpretativista de variadas orientações para a observação e análise de dados, focalizando temas amplos de estudos, o que reforça o caráter interdisciplinar ou *INdisciplinar* da área, conforme propõe Moita-Lopes (2006, 2009) ou *Metateórico e Metametodológico* como defende Cavalcanti (2006).

Nesse sentido, esta obra apresenta um conjunto de discussões que seguem essa perspectiva interdisciplinar/transdisciplinar/in-disciplinar, apresentando questões de suma importância para a área. Organizada em três partes, a obra é resultante de debates ocorridos durante o I Fórum Regional de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada - I FEPLA, realizado na Universidade Federal do Amapá, no ano de 2017, com a temática “*Ensino, discursos e relações sociais: contribuições teórico-metodológicas da Linguística Aplicada na contemporaneidade*”.

Agradecemos aos 25 autores pelas valiosas contribuições tanto teóricas quanto metodológicas. Convidamos todos e todas para uma leitura prazerosa e reflexiva dos 13 capítulos que compõem este livro.

Rosivaldo Gomes
Suzana do Espírito Santo Barros
Heloane Baia Nogueira

Prefácio

Pois todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o aspecto estilístico (BAKHTIN, 1953/54-2010, p.86).

A voz de Bakhtin, acima explicitada, remete em muito ao que o livro, que por ora é entregue ao leitor, se propõe. É uma obra que “se entrelaça em interações complexas, fundindo-se” em ideias de fios diversos, que em tempos outros se diriam incompatíveis de estar juntas. Essa preocupação já fora, por algum tempo, o alerta constante de muitos professores/pesquisadores, acerca de imbricamentos que tentavam romper fronteiras, como se a vida fosse assim: “cada um no seu quadrado,” quando a realidade é “tudo junto e misturado”, como nos lembra certa letra de canção.

Com a proposta de trazer “*contribuições teórico-metodológicas da Linguística Aplicada (LA) na contemporaneidade*” este livro se pretende e se faz transgressor, se pretende e se faz multifacetado, se pretende e se faz inter/trans/multidisciplinar, abalando alicerces e emaranhando-se pelos nós da vida a nós, no discurso que dele está tecido. Nessa sua pretensão, o livro segue “Orientado para o seu objeto”, levando “o discurso a penetrar neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações”, nos termos de Bakhtin, na busca de contribuir para um maior envolvimento de docentes e discentes em um ensino imbricado com a pesquisa e a exten-

são. Assim, são treze capítulos que o organizam em três partes, a saber: “Ensino de línguas, aprendizagem e gêneros textuais”; “Discurso, identidades e representações” e “Ensino e tecnologias digitais”.

Trazendo reflexões atuais e urgentes para a formação inicial e continuada de professores, a primeira parte, intitulada “Ensino de línguas, aprendizagem e gêneros textuais”, patenteia a voz de jovens pesquisadores como Leonardo Jovelino Almeida de Lima, que discute “*O livro didático como ferramenta de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira: análise de um Livro de Inglês*”, seguido por Luane dos Santos Coelho e Sarlene do Rosário Pereira, que trazem à baila estudos sobre “*A Língua Francesa como disciplina optativa: o que dizem as leis?*”. Outro capítulo, de igual preocupação com o ensino, é “*Pensando a Base Nacional Comum Curricular: discussões para além da redação do documento*” de Luciana Nunes Ferreira Chagas.

“Ensino Médio Integral: o imediatismo em busca de um ensino que renove a educação brasileira” é o título das autoras Joyce Vitória Martins Cruz e Suzana Barros, somando-se a “Orientações dos PCN para o ensino da análise linguística no Ensino Fundamental: análise a partir do gênero tirinha” de Paulo Herculano Ribeiro Santos, e mais uma vez a da pesquisadora Suzana do Espírito Santo Barros se faz presente. Fechando esta primeira grande parte, destacamos os capítulos seis e sete, que têm por título, respectivamente, “Ensino religioso como disciplina escolar: retrocessos e avanços na definição de sua base epistêmica” dos autores Maria Lourdes Sanches Vulcão, Kátia de Nazaré Santos Fonsêca, Marcos Vinicius de Freitas Reis com a pesquisadora Norma-Iracema de Barros Ferreira e “PCN de Língua Portuguesa e livro didático: a construção da análise linguística a partir dos gêneros textuais” do autor Ivan Coelho Teixeira.

No título da segunda parte do livro: “Discurso, identidades e representações”, a diversidade de pensamento dos autores se insere numa agenda político-social, cujos capítulos tratam de identidades, mostrando que não são únicas e nem fixas. Além disso, trazem para os estudos da linguagem a mudança consolidada pela LA, de que temas fora do escopo do ensino de línguas, com seus objetos específicos (leitura, escrita e gramática), devem, sim, permeá-los. Isso se comprova com os capítulos “*A invisibilidade de alguns grupos femininos em revistas impressas: idosas, negras e acima do peso*” das autoras Marília Navegante Pinheiro e Nilva Oliveira dos Santos; “*Bajubá: ‘linguagem’ como traço*

identitário do segmento LGBT, das autoras Eline Samra” de Souza Santos, Ioleni Ribeiro de Moraes e Ruany Maira da Silva Silva, que, ao lado dos capítulos *“Literatura gay como visibilidade à comunidade LGBTQIA+”*, dos autores Ingrid Lara de Araújo Utzig, Rodrigo Almeida Ferreira e Yurgel Pantoja Caldas, fecham esta segunda parte da obra, com o capítulo *“Relações identitário-culturais e práticas discursivas no livro didático de Língua Portuguesa”*, de Marcus Vinícius Ribeiro Puresa e Rosivaldo Gomes.

Hoje, no trabalho, no lazer ou nas coisas mais simples da vida cotidiana, como ligar uma máquina para lavar roupas, lá está ela, as tecnologias nos colocando a provas! Certos do quanto ela afeta a todos nós, os autores não nos furtam de demonstrar possíveis caminhos de ensinar e aprender tomando-as como ferramentas de apoio. É com esse mote que a última parte do livro se apresenta: *“Ensino e tecnologias digitais”* reúne dois capítulos, o primeiro, *“Uso de tecnologias digitais no ensino de Língua Portuguesa a partir de um protótipo didático com o gênero notícia digital”*, escrito por Daniel de Almeida Brandão e Rosivaldo Gomes e, o segundo, *“A linguagem hipermidiática e os novos (multi)letramentos na hipermodernidade”* da autora Eloiny Lazamé, encerram a composição dessa obra, que sem dúvida deixará aberta as portas para outras reflexões semelhantes.

Profa. Dra. Adelma Barros-Mendes

Sumário

P	Parte 1	15
	Ensino de línguas, aprendizagem e gêneros textuais	
1	O livro didático como ferramenta de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira: análise de um Livro de Inglês	17
	<i>LEONARDO JOVELINO ALMEIDA DE LIMA</i>	
2	A Língua Francesa como disciplina optativa: o que dizem as leis?	31
	<i>LUANE DOS SANTOS COELHO e SARLENE DO ROSÁRIO PEREIRA</i>	
3	Pensando a Base Nacional Comum Curricular: discussões para além da redação do documento	42
	<i>LUCIANA NUNES FERREIRA CHAGAS</i>	
4	Ensino Médio Integral: o imediatismo em busca de um ensino que renove a educação brasileira	55
	<i>JOYCE VITÓRIA MARTINS CRUZ e SUZANA BARROS</i>	
5	Orientações dos PCN para o ensino da análise linguística no Ensino Fundamental: análise a partir do gênero tirinha .	65
	<i>PAULO HERCULANO RIBEIRO SANTOS e SUZANA DO ESPÍRITO SANTO BARROS</i>	
6	Ensino religioso como disciplina escolar: retrocessos e avanços na definição de sua base epistêmica	77
	<i>MARIA LOURDES SANCHES VULÇÃO, KÁTIA DE NAZARÉ SANTOS FONSÊCA, MARCOS VINICIUS DE FREITAS REIS e NORMA-IRACEMA DE BARROS FERREIRA</i>	
7	PCN de Língua Portuguesa e livro didático: a construção da análise linguística a partir dos gêneros textuais	92
	<i>IVAN COELHO TEIXEIRA</i>	
P	Parte 2	103
	Discurso, identidades e representações	
8	A invisibilidade de alguns grupos femininos em revistas impressas: idosas, negras e acima do peso	105
	<i>MARÍLIA NAVEGANTE PINHEIRO e NILVA OLIVEIRA DOS SANTOS</i>	

9	Bajubá: “linguagem” como traço identitário do segmento LGBT	117
	<i>ELINE SAMRA DE SOUZA SANTOS, IOLENI RIBEIRO DE MORAES e RUANY MAIRA DA SILVA SILVA</i>	
10	Literatura gay como visibilidade à comunidade LGBTQIA+	129
	<i>INGRID LARA DE ARAÚJO UTZIG, RODRIGO ALMEIDA FERREIRA e YURGEL PANTOJA CALDAS</i>	
11	Relações identitário-culturais e práticas discursivas no livro didático de Língua Portuguesa	142
	<i>MARCUS VINÍCIUS RIBEIRO PURESIA e ROSIVALDO GOMES</i>	
P	Parte 3	169
	Ensino e tecnologias digitais	
12	Uso de tecnologias digitais no ensino de Língua Portuguesa a partir de um protótipo didático com o gênero notícia digital	171
	<i>DANIEL DE ALMEIDA BRANDÃO e ROSIVALDO GOMES</i>	
13	A linguagem hipermidiática e os novos (multi)letramentos na hipermodernidade	193
	<i>ELOINY LAZAMÉ</i>	

10 Literatura *gay* como visibilidade à comunidade LGBTQIA+

Ingrid Lara de Araújo Utzig³⁴

Rodrigo Almeida Ferreira³⁵

Yurgel Pantoja Caldas³⁶

Introdução

Não há um gênero textual específico que defina a Literatura *Gay* por completo: “a Literatura *Gay* não difere em temáticas, estilos, ou gêneros da literatura tradicional, a não ser por narrar sobre situações que envolvem pessoas do mesmo sexo” (JOVIANO, s. a., p. 8). Nesse contexto, tem-se que:

Literatura *Gay* não constitui um gênero diferente de literatura, mas abarca todos os grandes gêneros (narrativa, poesia, teatro, ensaio) e subgêneros. Trata-se antes de um ramo da literatura, uma classificação de um subconjunto de obras literárias. A classificação Literatura *Gay* é um subconjunto da literatura com conteúdos de temática *gay* ou, definição também usualmente aceita, escrita por autores *gay*. É importante e relevante porque se debruça sobre temáticas únicas (particulares a um subconjunto da humanidade com uma dimensão não desprezável) e porque tem um papel relevante (há quem diga que fundamental) na literatura ocidental moderna (SAMANTHA, 2012, p.1).

Assim sendo, a Literatura *Gay* nada mais é do que uma denominação genérica para os escritos que refletem opinião, receio, questio-

34 Especialista em Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP) e Licenciada em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Professora de Língua Inglesa no Instituto Federal do Amapá (IFAP), *campus* Macapá. *E-mail*: ingrid.utzig@ifap.edu.br.

35 Licenciado em Letras/Inglês pela UNIFAP. *E-mail*: ferreira.rodrigo23@gmail.com.

36 Professor orientador. Pós-Doutor pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL); Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestre em Estudos Literários pela UFMG; graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da UNIFAP. *E-mail*: yurgel@uol.com.br.

namento, medo, alegria, condição, fantasias próprias dessa comunidade. Não tão somente fictício, é também informativo, verossímil, esclarecedor, da verdade lasciva do corpo, da mente e da alma. Portanto, percebe-se a importância da existência dessa manifestação literária, pois “a Literatura *Gay* traz em sua essência a necessidade de desenvolver um trabalho de base, a fim de preparar as pessoas para uma postura mais pensante, reflexiva, ética e tolerante para com as diferenças em geral” (NASCIMENTO, 2011, p. 1).

Como já visto, “o discurso tem um aspecto ideológico, estritamente ligado à História. Esta, por sua vez, é dinâmica e [...] deve ouvir todas as vozes, inclusive a da diversidade sexual” (DIAS MUNIZ, 2013, p.38). Um paralelo pode ser feito com as obras e suas elaborações voltadas para o negro discriminado ou à mulher menosprezada pelo machismo, pois “tal como na policromia da bandeira do arco-íris, a literatura e a arte homossexual também expressam a diversidade do ser” (JOVIANO, s. a., p. 4). São temáticas abordadas pelo oprimido: uma literatura marginal e *underground*.

Neste artigo, discutir-se-á se a utilização da Literatura *Gay* se configura como veículo de combate às opressões. Também será feita uma conceituação e contextualização dos primeiros registros de escritos com temática homossexual no Brasil e a faceta contemporânea dessa manifestação. Além disso, mostrar-se-á a diferença dos termos literatura homoerótica e Literatura *Gay* e por fim será demonstrada a presença da Literatura *Gay* em histórias infantis, para então descobrir se elas ajudam na formação de um indivíduo despidido de preconceitos, dever-mor de uma educação inclusiva para tod@s.

1 Primeiros registros literários no Brasil

O romance mais antigo e reconhecido no Brasil com enredo que envolva homossexualidade é *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha³⁷. Como legítimo expoente do movimento literário denominado Naturalismo – que visa, sobretudo, mostrar o determinismo entre as relações sociais – Caminha analisa minuciosamente o caso entre os marinheiros

³⁷ Publicado no Rio de Janeiro, em 1895, este romance do escritor cearense Adolfo Caminha, nascido em Aracati em 1867 e falecido no Rio de Janeiro em 1897, é um dos primeiros em língua portuguesa a tratar abertamente do homoerotismo masculino” (BEZERRA, s. a., p. 1).

Amaro e Aleixo, a partir da descrição detalhada de características físicas e psicológicas dessas personagens. Apesar de tratar a homossexualidade como patologia/abominação, Caminha introduz tal temática na literatura brasileira. No final, os amantes da Rua da Misericórdia têm um destino trágico: no romance o preto, pobre e *gay*, é protagonista, fato inédito na época. “O Naturalismo, mais do que qualquer outra estética literária, assumiu a carnalidade do corpo e a colocou no centro da narrativa, fazendo a linguagem transitar entre o dito e o sentido” (BEZERRA, s. a., p. 7). Previamente ao estopim que Caminha proporcionou, episódios de relações homossexuais também foram narrados em histórias como *O Ateneu*, de Raul Pompeia, lançado em 1888. Além disso, cenas de lesbianismo também se fizeram presentes na renomada obra *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, em 1890.

O Ateneu conta a história do jovem Sérgio, que vai para o internato que dá nome à obra. Ao entrar nesse ambiente repleto de corrupção, obscenidades, malícia, vulgaridade e assédio, Sérgio se depara com uma versão compacta da realidade adulta. “O internato, por esta razão, é um microcosmo absoluto da sociedade, em que tudo aparece miniaturizado e representado de maneira simbólica ou alegórica” (MARTINS, 2011, p. 3). A presença da relação sexual entre os internos não é o foco do livro em si, mas Pompeia também foi vanguardista ao abordar esse assunto.

O Ateneu encerra as atividades enquanto instituição após um incêndio provocado por um calouro. Em *O Cortiço*, fica clara a relação lésbica entre as personagens Leónie e Pombinha, madrinha e afilhada, respectivamente. Leónie corrompe a jovem e a prostitui. Quando Pombinha se divorcia do marido que a traiu, vai morar com a madrinha, e passa a sustentar a mãe com o dinheiro que ganha na vida mundana. “No jogo do homoerotismo, essa mulher subjuga as vontades da afilhada utilizando discurso sedutor” (JESUS, 2009, p. 2). Algumas décadas depois, em 1914, é lançado o conto ilustrado *O Menino do Gouveia* pela Revista Rio Nu, de autor anônimo, conhecido apenas pelo pseudônimo Capadócio Maluco.

Com palavras fortes e descrições apimentadas, a história narra as peripécias de um rapaz que percorre as ruas da cidade à caça de outros rapazes. O próprio conto, por sua vez, circulava secretamente pelas mãos de curiosos, causando furor entre *gays* e sim-

patizantes e revolta em todo o resto (BENJAMIN, 2008, p. 1).

Seguindo mais adiante no tempo, entre os anos 60 e 70, Cassandra Rios lançou o primeiro livro e foi intensamente perseguida pelo regime militar. Rios teve mais de 36 livros censurados e “sua obra mistura lesbianismo, religião e política numa combinação explosiva” (NAUD Jr., 2007, p. 2). Ao arriscar-se em plena ditadura, aparecendo em programas da TV aberta vestindo *smoking*,

Cassandra verbaliza suas intenções de dar visibilidade aos homossexuais como sujeitos e as dificuldades que teve de enfrentar durante sua carreira como uma escritora lésbica, sempre advogando por uma visão diferente da homossexualidade (SANTOS, 2003, p. 20).

Nessa mesma década de 70, surge um dos escritores mais citados e famosos da contemporaneidade: Caio Fernando Abreu. Com contos reveladores, libertários, abarrotados de monólogos e dilemas, Caio é um dos maiores nomes da literatura moderna, obra valorizada não apenas pelo público LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans*, Queer, Intersex, Assexuais e outros). Quanto aos *best-sellers* da Literatura Gay na atualidade, destacam-se: O terceiro travesseiro (1998), de Nelson Luiz de Carvalho, A imitação do amanhecer (2006), de Bruno Tolentino, e O teatro dos anjos (2009), de Dirceu Cateck.

Todos esses escritores, além dos julgamentos morais, deixaram-se conhecer, ou melhor, fomentaram nas palavras o desamparo do desconhecido, do verdadeiro, do valente. Questionando comportamentos, num estimulante embate entre o desejo e a denúncia, eles criaram uma talentosa literatura de vocação sensível e sensual, jamais banal ou pornográfica (NAUD Jr., 2007, p. 3).

Percebe-se, dessa maneira, que desde a segunda metade do século XIX a literatura a homoerótica é manifesta no Brasil, de forma velada ou não, gerando desconforto. No início, a maioria das obras foi escrita por autores heterossexuais, e a temática foi abordada, mas perpassada com crítica e desprezo.

2 Literatura *gay* na atualidade

A tendência da literatura contemporânea é o viés independente dos escritores, numa visão de movimento faça você mesmo (*do it yourself*). Assim, dentro desse contexto de literatura cada vez mais alternativa, artesanal e experimental, surgem os fanzines e as *fanfics*³⁸.

Dessa maneira, o marco do fanzine se firma no Brasil a partir dos anos 80 graças ao movimento *punk*, que “começa a se espalhar pelo mundo e acaba se tornando uma forma de divulgar ideias e expressões artísticas de autores ou amadores” (ANJOS et. al., 2002, p. 6). Com forte expressividade ideológica, podem-se destacar alguns tipos de fanzines: quadrinhos, ficção científica e horror, música, literários, filosóficos, experimentais e ainda os que trazem assuntos gerais. Assim, a Literatura *Gay* também se faz presente nesse universo, posto que possui um caráter contestador, acima de tudo.

O fanzine funciona como um veículo de divulgação que não se sujeita às amarras da grande imprensa graças à natureza questionadora (NASCIMENTO; LIMA, s. a., p. 9). Já no caso das *fanfics*, releituras intertextuais com obras consagradas ou até mesmo produções baseadas em HQs ou livros menos conhecidos, a Literatura *Gay* é inserida como parte desse enredo paralelo. Pode-se citar numa fic de Dom Casmurro, por exemplo, “o caso de uma *femmeslash* [...] entre Capitu e sua amiga Sancha” (FÉLIX, 2008, p. 128).

Esse dialogismo presente nesse gênero descontrói uma ideia de plágio, posto que são histórias distintas com um reaproveitamento de personagens da obra original, pois o *ficwriter* é, antes de tudo, um fã. Dessa forma, as *fanfics* podem ser lidas como uma apresentação artística de pastiche (homenagem).

Sendo encarado como um gênero literário pós-moderno, a *fanfic* é transgressora por natureza. Assim, o subgênero *slash/yaoi*, por exemplo, transforma personagens heterossexuais em *gays*. Para compreender melhor tais terminologias:

³⁸ O nome original do termo é, na verdade, *fanfiction*. Numa tradução livre, “ficção de fã”. A *fanfiction* é “uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática. Os autores de *fanfiction* dedicam seu tempo a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos fortes com o original” (VARGAS *apud* FÉLIX, 2008, p. 121).

O *slash* promove exclusivamente relacionamentos entre personagens do mesmo sexo; geralmente entre personagens masculinos. É um tipo de *fanfiction* escrito por mulheres na maioria das vezes. [...] Relacionamentos lésbicos podem ser chamados de *femslash* ou *femmeslash*. Fãs de mangá e anime preferem as versões japonesas dos termos: *yaoi* ou *shonen-ai* para casais gays masculinos; e *yuri* ou *shojo-ai* para lésbicas (PADRÃO, s. a., p. 11).

Percebe-se, portanto, uma importação da cultura oriental desses produtores textuais, que “desde o pós-guerra consolidaram o mangá como cultura popular. [...] Desde o início ele se volta para leitores diferenciados, explorando os enredos em múltiplas direções: aventura, comédia, romance, ação, política, erotismo” (ORTIZ, 2000, p. 165).

A japonização não está tão distante da realidade literária regional. A obra *yaoi* A Lenda de Fausto é um exemplo claro disso. Escrito pela amapaense Samila Lages, o livro foi lançado em 2011 pela editora Multifoco e é destaque da fantástica literatura *queer* do Amapá. Baseado no folclore alemão e no romance Fausto, do também germânico Johann Wolfgang von Goethe, narra a história de amor entre o Doutor Fausto e o demônio Belial, que a princípio foi mandado para tomar a alma do médico, mas os dois acabam se apaixonando no decorrer da trama.

Dessa maneira, é possível notar uma inserção da temática *queer* na literatura contemporânea, cada vez mais forte, principalmente na *internet* e nos cenários alternativos.

3 Literatura gay x literatura homoerótica

O termo Literatura *Gay* é mais recente do que o termo literatura homoerótica, que é mais antigo e conhecido, datando da Roma Antiga. Muitas vezes, ambos são colocados como sinônimos. A Literatura *Gay* tem a sua origem, mais precisamente, após 1968, assim como fala Ítalo Moriconi em entrevista:

Literatura homoerótica é um termo mais geral, algo que pode ser encontrado em todas as épocas, ao passo que a “Literatura *Gay*” propriamente dita seria uma vertente mais contemporânea, vinculada ao processo histórico de [...] conscientização *gay* [...]; em suma, seria literatura homoerótica pós-68, pós-Stonewall. (2010,

p. 48).

Moriconi, ao falar sobre Stonewall, refere-se ao conflito ocorrido no bar homônimo, no dia 28 de junho de 1968 em Nova York (EUA), onde policiais à paisana tentaram expulsar um grupo de homossexuais frequentadores desse espaço, o que desencadeou um conflito generalizado envolvendo mais de 400 pessoas e catalisou o movimento. O conflito, além de marcar o Dia Mundial do Orgulho LGBT para essa data, também foi um divisor de águas para a história da luta da referida comunidade.

Infelizmente, a conceituação de Literatura *Gay* ainda é questionada por profissionais e estudiosos literários, pois:

conceituar [...] Literatura Gay [...] é, no mínimo, conflituoso. O conflito se dá na medida em que não há um consenso da sinalização da forma da escrita homossexual, em qualquer gênero textual, portanto, não podemos abarcar a amplitude do tema de forma definitiva (SILVA, 2012, p. 1).

Muitos acreditam se tratar somente de um termo que tenta dar visibilidade a uma produção passível de preconceito social, tentando assim explorar perversamente a sexualidade, visando lucro e aproveitamento do crescimento/reconhecimento desse grupo perante a sociedade. Defendendo essa vertente, que vê apenas o aspecto mercadológico, torna-se “muito fácil dar nome a uma literatura, fechando-a em guetos, como no caso da Literatura *Gay*. E é muito fácil vendê-la, porque virou moda ser viado. Nada do que li da chamada Literatura *Gay* ficou guardado” (MOURA, 2010, p. 59).

Contra-argumentando Moura, Heloisa Buarque de Hollanda acha interessante, do ponto de vista político, essa afirmação gay, uma vez que se trata de uma literatura de ponta, que coloca em pauta novas questões teóricas e literárias (HOLLANDA, 2010, p. 59). Para reforçar a ideia de Hollanda no que se refere não somente à abrangência teórica e literária da temática *queer*, mas também à compreensão histórica da trajetória dessa classe minoritária, no intuito de incentivar o repúdio ao sistema patriarcal.

Daí entra-se no seguinte dilema: haveria na homossexualidade algo simultaneamente único (existencialmente falando) e universal

(literariamente falando)? Afinal, “a indagação presente na crítica literária [...] é a existência ou não de uma arte homossexual, marcada por elementos específicos que distinguiriam tal escritura das demais” (JOVIANO, s. a., p. 4). Uma possível resposta seria de que:

a emergência da literatura coloca o problema de sua possibilidade de universalização. Haveria um limite na Literatura Gay, na medida em que ela se torna o veículo corporativo de uma sensibilidade restrita. O potencial universal da Literatura Gay é uma questão em aberto. [...] Portanto, o perturbador não é a Literatura Gay em si, mas a existência na sociedade de um grupo de pessoas que quer viver abertamente sua condição homossexual, saindo do esquema clandestino tradicional. Se isso beneficia ou não a arte é outra questão interessante. Para muitos, a homossexualidade como experiência de vida só interessa enquanto vivência permanente de transgressão. Nesse sentido, a Literatura Gay representa uma ruptura bem pós-modernista, pois trata-se de pensar e expressar artisticamente uma vivência normalizada da homossexualidade como um afeto entre outros, todos iguais (MORICONI, 2010, p. 3).

Seguindo a supracitada perspectiva, a resposta para todo esse questionamento seria que o benefício que a Literatura *Gay* traz à arte em si é exatamente essa forma de autoafirmação de uma classe que se julga oprimida e encontra na escrita uma maneira paralela de expressar a normalidade da vida que a comunidade LGBTQIA+ leva – ainda que seja em uma realidade fictícia, em prol de uma vivência pacífica da sociedade com a homoafetividade -: “a palavra homossexual teria que esperar outros trinta ou quarenta anos para plasmar-se na dita alta poesia brasileira. Por quê?” (COSTA, s. a., p. 128).

O estigma da Literatura *Gay* também está muito vinculado à hipersexualização. Quando se fala nessa temática, logo se vincula à ideia de que haverá pornografia em suas linhas: “no Brasil, Literatura *Gay* é geralmente considerada algo proibido, pornográfico, de mau gosto” (GROOTENDORST apud SANTOS, 2003, p. 28). Para que sejam desassociados, os escritores da Literatura *Gay* tentam naturalizar suas personagens, colocando-as como seres humanos com desejos comuns.

Como exemplo disso tem-se o autor brasileiro Lima Trindade, que, em *Corações, blues e serpentinas* (2007), sai do senso-comum da

redação da Literatura *Gay*, estereotipada em tão simplesmente um enorme vocabulário de clichês e palavras lascivas. Outro autor brasileiro que desconstrói generalizações sobre o assunto é Santiago Nazarian. Seus temas perpassam suicídio, loucura e fábulas, apresentando a orientação sexual de forma leve e fluida.

Caio Fernando Abreu – que apesar de abordar o tema da homoafetividade em suas obras e ter várias análises sobre seu trabalho com contos – é citado pelos leitores graças à prosa recheada de lirismo, tom confessional e sentimentalismo. A novelista inglesa Sara Waters também serve como exemplo disso. Suas obras são catalogadas mais como suspense policial do que como simples relatos lésbicos.

4 Literatura *gay* e literatura infanto-juvenil

Para mostrar que não se trata somente de escritos de cunho erótico, mas também social, a Literatura *Gay* começa a se mostrar presente na literatura infanto-juvenil, em narrações que lembram os contos de fadas: “a homoafetividade apresentada na literatura infantil seria necessária e até eficiente para ajudar na construção de um olhar positivo relacionado ao diferente sexual” (MACHADO, 2009, p. 11). Nesse sentido, é interessante a posição de Pághanni: “sim! Existem trabalhos literários de temática *gay* destinados a crianças e adolescentes. Não! Não possuem conteúdos eróticos” (2012, p. 2).

De uma maneira lúdica, essa literatura mostra a comunidade *gay*, em obras como: Heather tem duas mães (1989) Rei & Rei (2002), Mamãe e mamãe vão se casar (2004), Com Tango, somos três (2005), Olívia tem dois Papais (2010), O companheiro de papai (1990), Carly continua sendo meu pai (2004), dentre outras (MAXIMILIANO, 2006, p. 1).

Rei & Rei, por exemplo, conta a história de um príncipe que é forçado a casar por pressão da mãe, mas quando ocorre um concurso entre as princesas, o príncipe acaba se apaixonando pelo irmão de uma das candidatas e no fim eles se casam e vivem felizes para sempre. Outro caso é o de Com Tango, somos três, que é uma obra baseada em um fato verídico que ocorreu no Zoológico do Central Park, em Nova York. Nessa história, dois pinguins machos (Roy e Silo)

tentam, por várias vezes, chocar o que eles pensavam ser um

ovo, mas que na verdade era uma pedra. Isso causava frustração. [...] Assim, o tratador de animais [...] fornece um ovo esquecido de um casal de pinguins e coloca-o no ninho de Roy e Silo (DIAS MUNIZ, 2013, p. 68).

Além de apresentar que as relações afetivas não se dão somente entre pessoas de gêneros diferentes, algumas obras também estão mostrando a questão dos transgêneros (como no caso do livro Carly continua sendo meu Pai). Assim, é possível aceitar que “o príncipe pode ser *gay*; a princesa pode não ser o ideal planejado; uma família pode ser um casal de pinguins machos” (DIAS MUNIZ, 2013, p. 70).

Tais livros relatam o cotidiano de personagens que mantêm contato com homossexuais e que são felizes com isso: “aceitar que os seres humanos se expressam de maneiras diferentes e que todas elas são legítimas, devendo ser respeitadas e toleradas pelo outro é aceitar a multiplicidade, as diferenças, é questionar as oposições binárias” (MARIN; DIETRICH, s. a., p. 4). Ou seja, “na Literatura *Gay* infantil-juvenil, [...] a temática é tratada de forma descomplexada e natural, promovendo o respeito pela diferença e a rejeição dos lugares comuns associados à discriminação sexual” (SAMANTHA, 2012, p. 2).

Apresentar essa harmonia para a criança é uma tentativa de mostrar que isso é natural e deve ser respeitado. Afinal, “se a literatura infantil tem função formadora na vida da criança, é importante ligá-la à fase inicial da vida [...], pois essa etapa é a base essencial para a formação crítica de valores, de concepção de mundo e, principalmente, de ideologia” (DIAS, 2009, p. 4). A criança é um ser que, além de crescer fisicamente, também se desenvolve crítica e intelectualmente com o passar dos anos.

“Se uma criança manifesta um preconceito, discrimina alguém em função de qualquer característica, é porque aprendeu, ouviu a mesma expressão de um adulto e a está reproduzindo” (MOREIRA, 2013, p. 17). A partir dessa assertiva, fica evidente a importância vital da família, que é o mais forte laço que a criança tem, por ser formadora das primeiras opiniões.

A literatura, como poderosa construção simbólica, penetra a consciência do indivíduo, tanto em nível profundo como em nível imediato, possibilitando, por exemplo, a discussão do tema,

uma apreensão diferenciada dele, rompendo com as imagens sociais preconcebidas ou estereotipadas (DÓRIA apud MACHADO, 2009, p. 11).

Dessa maneira, os contos de fada podem imprimir um caráter realista e se relacionar intimamente com o mundo contemporâneo (JESUALDO, 1993, p. 142). No Brasil, essa literatura ainda é incipiente, pois o estigma que a circunda ainda é muito grande. Percebe-se que essas obras infanto-juvenis não vêm no sentido de influenciar, mas conscientizar, pois “a reinterpretação dos contos de fada ganha não só a intencionalidade do escritor, tampouco a predestinação dos personagens; aliás, permite a plausibilidade de convivências diferentes do padrão” (DIAS MUNIZ, 2013, p. 23). Portanto, nessa perspectiva, defende-se que:

o espaço de uma Literatura Gay deve existir, pois esse tipo de literatura traz discussões associadas aos estudos culturais, que ainda são de grande relevância em nossa sociedade, uma sociedade que segue discriminando e segregando indivíduos que “ameaçam” o status quo. Afinal, usar a literatura como instrumento político é possível, o que os estudos culturais já mostraram. No entanto, os estudos literários, muitas vezes resistentes a essa possibilidade, preferem buscar nas obras outros elementos que não o político, deixando essa tarefa para os estudos culturais (SOUZA, 2010, p. 71).

Na tentativa de se firmar nessa sociedade ainda bastante machista e preconceituosa, não só a comunidade LGBTQIA+, mas todos os escritores envolvidos com essa causa mostrarão que a Literatura *Gay* tem seu fundamento existencial, não sendo somente um rótulo, mas um marco para o reconhecimento dos homossexuais.

Considerações finais

A existência da Literatura *Gay* é, acima de tudo, um veículo de visibilidade à comunidade LGBTQIA+, que não se limita a esse público, mas contribui para a democratização dessa temática que é acessada também por quem não é *gay*. Constata-se que a presença da Literatura *Gay* também é válida em obras infantis, posto que é importante

que a criança tenha contato com esse assunto para ser criada como cidadão crítico e que respeita o próximo, o que auxilia no desenvolvimento dela enquanto indivíduo e ser humano. Aprender a lidar com as diferenças e com a diversidade é o grande desafio da pós-modernidade. Apesar de incipiente no Brasil, a Literatura *Gay* tem se firmado cada vez mais de forma independente, e possui um longo histórico que se arrasta desde o século XIX. Valorizar as manifestações escritas com esse viés é, pois, incentivar uma minoria que luta por respeito e por seus direitos também através da arte.

REFERÊNCIAS

- ANJOS; Ana Carolina Costa dos; BARBOSA; Jeferson Lima; ROCHA, Liana Vidigal; STRÖHER, Patrícia. **O Fanzine como ferramenta de comunicação dentro do curso de Jornalismo da UFT**. 2002.
- BENJAMIN, Mariana. **Sobre gays, lésbicas e machões**. 2008.
- BEZERRA, Carlos Eduardo. **Bom Crioulo: um romance da Literatura Gay made in Brazil**. UNESP, Campus de Assis.
- COSTA, Horácio. **Cânone Impermeável: Homoerotismo nas Poesias Brasileira, Portuguesa e Mexicana do Modernismo**. Universidade de São Paulo, SP.
- DIAS, Alfrancio Ferreira. **A aculturação do gênero na literatura infantil**. Anais do Seminário Nacional Literatura e Cultura - Vol. 1, agosto de 2009 -. UFS - São Cristóvão, Brasil.
- DIAS MUNIZ, Roberto. **O príncipe, o mocinho ou o herói podem ser gays: análise do discurso de livros infantis abordando a sexualidade**. Porto Alegre: Escândalo, 2013.
- FÉLIX, Tamires Catarina. O dialogismo no universo *fanfiction*: uma análise da criação de fã a partir do dialogismo bakhtiniano. Revista **Ao pé da Letra** - Volume 10.2 - 2008.
- JESUALDO. **A literatura infantil**. 9. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.
- JESUS, Márcia Jovelina de. **Homossexualidade Retrutada em O Cortiço**. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/homossexualidade-retratada-emo-cortico/16312/>>.
- JOVIANO, Lúcia Helena da Silva. **Literatura homoerótica: discursos entre a tradição e a ruptura**. Rio de Janeiro, Brasil.
- LAGES, Samila. **A Lenda de Fausto**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco,

- 2011.
- MACHADO, Marlos José Lima. **A identidade homoafetiva na literatura infantil brasileira**. 2009. Campina Grande - PB.
- MARIN, Juliana Fabbron; DIETRICH, Ana Maria. **Homoafetividade feminina no Brasil: reflexões interdisciplinares entre o Direito e a Literatura**.
- MARTINS, Ricardo André Ferreira. O Ateneu: representações da memória e do homoerotismo. **Revista Litteris**, Março 2011 - N. 7. URI - Frederico Westphalen, RS.
- MAXIMILIANO, Adriana. Cresce nos Estados Unidos a publicação de livros infantis com personagens homossexuais. *Revista Veja on-line*. Edição 1958. 2006. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/310506/p_116.html>.
- NASCIMENTO, Elenilson. **O que é Literatura Gay?** 2011. Disponível em: <<http://comendolivros.blogspot.com.br/2011/04/o-que-e-literatura-gay.html>>.
- NAUD JÚNIOR, Antonio. **Uma síntese do homoerotismo na literatura brasileira**. 2007. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/ensaios.asp?id=2207>>.
- ORTIZ, Renato. **O próximo e o distante: Japão e modernidade - mundo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- PADRÃO, Márcio. Leituras resistentes: fanfiction e internet vs. Cultura de massa. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS)*.
- PÁGHANNI, Brad. **Sobre a Literatura Gay**. 2012. Disponível em: <<http://escritorbrad.blogspot.com.br/2012/07/literatura-gay.html>>.
- SAMANTHA. **Literatura Queer**. 2012. Disponível em: <<http://bibliotecaempoeirada.blogspot.com.br/2012/09/literatura-queer.html>>.
- SILVA, Everton. **Existe uma literatura homossexual?** 2012. Disponível em: <<http://filipeia.com.br/colunas/existe-uma-literatura-homossexual>>.
- SILVA, Alexander Meireles da; SILVA, Veridiana Mazon Barbosa da. Perdidos dentro da noite: literatura e homoerotismo em João do Rio. **E-scrita**: Revista do Curso de Letras da UNIABEU. Nilópolis, v. 2, Número 6, Set.- Dez. 2011.
- SOUZA, Warley Matias de. **Literatura homoerótica [manuscrito]: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/62183366/9/Por-um-conceito-de-literatura-homoerotica>>.